

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

***Mishná* e Belo Horizonte: influência da cultura oral na comunidade judaica belo-horizontina**

Me. Thiago Hot Pereira de Faria (Escola Estadual Ordem e Progresso - BH)

Resumo:

Esta comunicação é fruto da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas concluída em 2014 e tem como principal objetivo compreender como se dá a influência da cultura oral rabínica, denominada *Mishná*, na comunidade judaica de Belo Horizonte. A *Mishná* é a lei oral religiosa que ajuda a compreender a lei escrita através de interpretações rabínicas que visam auxiliar os judeus em suas práticas, comportamentos e atitudes, diante das mais diversas situações que a vida cotidiana pode lhes oferecer. Desvela-se aqui a inserção dos judeus na capital mineira e sua progressiva estruturação. Compreende-se por intermédio de estudos bibliográficos o que é a *Mishná* desde sua história e composição para demarcar assim qual sua importância dentro do judaísmo. O método da História Oral Temática é utilizado para compreender através de três entrevistas, com importantes membros da comunidade judaica de Belo Horizonte, de que forma ocorre a preservação ou rupturas das leis Mishnaicas na comunidade judaica belo-horizontina.

Palavras-chaves: Comunidade judaica; *Mishná*; Belo Horizonte.

Introdução:

O judaísmo é uma das religiões monoteístas mais antigas da história e se encontra entre as principais religiões do mundo. A *Mishná* é um conjunto de ensinamentos presente na educação cultural, religiosa e que principalmente dá norte aos princípios do povo judeu, contribuindo com a plena realização dos costumes judaicos e com o exercício de suas leis religiosas.

Ao longo da história, o povo judeu foi obrigado a passar por constantes processos migratórios advindo de perseguições, guerras e opressões, passando por várias diásporas e dispersando pelos vários cantos do mundo.

O Brasil, mesmo que com um histórico complexo quanto à aceitação de judeus, ainda representava, de alguma forma, um lugar propício à formação de novas comunidades judaicas que aos poucos foram surgindo em algumas cidades brasileiras, principalmente nas capitais. Nesse contexto é que se encontra o nascimento da comunidade judaica belo-horizontina, desde a fundação da própria capital mineira.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Inicialmente, esta pesquisa buscou descrever a origem e extensão do judaísmo em Belo Horizonte, analisando qual é o lugar de transição do judaísmo e quais as origens dessas migrações para o Brasil, posteriormente remontou-se a migração de integrantes da comunidade judaica para a capital mineira descrevendo assim sua história e sua progressiva instauração.

Em um segundo momento explica-se o que é a *Mishná*, fazendo uma análise detalhada sobre os vários aspectos dessa lei oral, que fora posteriormente escrita.

Por fim, adotou-se a documentação oral para analisar a questão da *Mishná* em Belo Horizonte, diagnosticando quais os principais aspectos da *Mishná* permanecem presentes na vida cotidiana da comunidade e quais se perderam.

Origem e extensão do judaísmo em Belo Horizonte:

A cidade de Belo Horizonte tem suas origens no início do período republicano (a partir de 1889), com a proclamação da república o governo provisório autorizou através do art. 2º do Decreto n. 7, em 20 de novembro de 1889, que os estados poderiam transferir suas capitais, isso fomentou uma ideia antiga de parte da elite mineira que já desejava fazer tal alteração.

Vila Rica, antiga capital Mineira (atual Ouro Preto), após a queda do intenso ciclo do ouro, não “comportava” as mudanças ocorridas na sociedade influenciadas pelo ideal Republicano, era necessário criar uma nova capital que sinalizasse as aspirações do mundo moderno, dos ventos da república e que permitisse o progresso e o desenvolvimento econômico.

Em Belo Horizonte, as montanhas (a Serra do Curral) e a antiga fazenda, transformada em parque (Municipal), ofereceram aos planejadores os pontos de referência para a ocupação espacial. A cidade poderia ser moderna, mas sua localização afirmava o apego a um tipo de paisagem que de algum modo é vista como constitutiva da identidade mineira. Encravar a nova capital em uma região que tradicionalmente abrigou a sede do poder estadual, manter a grande distância do litoral, fornecia os parâmetros objetivos para que a cidade conciliasse o passado e o futuro. (ARRUDA, 2011, p. 100).

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Belo Horizonte foi a primeira cidade planejada do país, projetada pelo engenheiro Aarão Reis entre os anos de 1894 e 1897, nos moldes da ordem positivista e geométrica, inspirada nos modelos urbanísticos de cidades como Paris, Washington, Londres e La Plata. Mesmo possuindo traços de aspectos tradicionais, a proposta arquitetônica privilegiou símbolos da modernidade.

Os modelos de cidades modernas europeias que Belo Horizonte buscava seguir eram marcados pelas cidades metrópoles, que se comunicavam com o estrangeiro, onde haviam moradia de massa e individualização, o oposto do sentido de comunidade e dos valores provincianos, em Belo Horizonte isso não ocorreu nos primeiros momentos, pode-se dizer que apesar de inserir na população alguns novos hábitos trazidos pela infraestrutura moderna, o modo de vida permanecia nos moldes de cidades pequenas (CALVO, 2013).

Este conservadorismo que prevaleceu na nova capital, mostrando-se também presente no campo da religião, contrariando os ideais da república que pregavam a laicização do estado.

Dentro dos princípios de laicização do estado foi estabelecida em termos da Lei, no artigo 72 a liberdade de culto, determinando que nenhum cidadão brasileiro por motivo de crença ou função religiosa poderia ser privado de seus direitos civis e políticos e nem eximir-se do dever cívico, garantiu também o reconhecimento exclusivo do casamento civil, o caráter secular dos cemitérios, a determinação do ensino público como leigo e a extinção de formas de subvenção de culto ou igreja que indicassem formas de aliança entre religião e Estado (CALVO, 2013, p.73).

Apesar de se compreender apenas de modo subjetivo, a religião permeia toda a vida de uma sociedade. Ao pensar na formação do morador de Belo Horizonte, é impossível não apontarmos para a influência da igreja católica.

As representações que se formam na mente dos sujeitos são oriundas, na maioria das vezes, de instituições de formação como família, religião, escola, estado, entre outras, que organizam a ação do ser no mundo. Ao se pensar a construção do imaginário religioso, em Belo Horizonte, remonta-se à Igreja Católica com seus dogmas, ideologias e utopias que vão se ajustando na forma de conceber a religião de acordo com seu tempo e espaço. (FERREIRA, 2002, p. 54)

Em Belo Horizonte, com o catolicismo representando a religião da tradição, a cidade se torna um lugar de ambivalência e resistência quando começa a surgir qualquer outro tipo de

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

comunidade com tradições religiosas diferentes. Os dogmas propostos pelo catolicismo contrariavam o ideal de cidade laica, pois se mostravam presentes em quase todas as instituições de formação existentes na capital mineira, não apenas como religião dominante no espaço.

Vale salientar que o catolicismo estava expresso no ensino religioso nas escolas, na mídia, nas formações familiares, nas grandes ofertas de símbolos, imagens, feriados e templos por toda cidade, tornando estas, ferramentas utilizadas pela Igreja, para manter a preservação do catolicismo como religião dominante na capital mineira e possuindo ainda um caráter combativo aqueles que não fossem adeptos da Igreja Católica podendo ser visível nas tiragens destes jornais católicos até mesmo a denominação de “inimigos”.

A partir dessas considerações, pode-se pensar que se qualquer outra doutrina ou denominação religiosa que pregasse outra perspectiva de credo religioso fosse rechaçada pela igreja, o mesmo poderia vir a acontecer com o povo judeu que vinha se instalando na cidade de Belo Horizonte.

Mesmo com este histórico, observou-se na nova capital mineira a presença de imigrantes de cultura judaica influenciados principalmente pelo ideal de cidade planejadamente moderna e que asseguraria a liberdade de credo. A presença judaica se dá antes mesmo de sua inauguração enquanto cidade, tendo desde seu planejamento a presença de judeus vindos de forma isolada.

Em 1894, chega à cidade Arthur Dieudonné Haas, pioneiro empreendedor da comunidade judaica nesta cidade. O seu primeiro empreendimento foi um depósito de materiais de construção que contribuiu com matéria prima para erguer a cidade de Belo Horizonte, posterior a essa empreitada, contribuiu para a fundação da Santa Casa de Misericórdia e teve também participação no ramo de vendas automobilísticas.

Primeiramente por ter um ideal de cidade moderna, Belo Horizonte se mostrava como um lugar de recomeço, para judeus que se viam obrigados a deixarem sua pátria. As primeiras presenças judaicas a surgirem na cidade eram pontuais, e predominantemente por homens solteiros.

Para Pfeffer (2003), os motivos que se destacaram para a chegada judaica em Belo Horizonte foi à motivação econômica, uma comunidade judaica que se apresentava em

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

formação desde o planejamento da cidade e um clima recomendável para tempos em que doenças como tuberculose não tinham cura.

A partir de 1922 começa-se a gradativa institucionalização do povo judeu na cidade, com a fundação da União Israelita de Belo Horizonte (UIBH), sendo Arthur Haas seu primeiro diretor, surgida principalmente em virtude da necessidade religiosa em função de que para se ter um culto judaico é necessário ao menos dez homens judeus adultos (homens com mais de treze anos de idade) e por isso a sociedade precisaria estar mais integrada.

Uma dos principais auxílios ao crescimento da comunidade em Belo Horizonte foi a criação da Laispar-case, uma espécie de caixa de empréstimos comumente criada nas cidades que apresentam nascimento de comunidades judaicas para auxiliar os imigrantes que chegam sem condições financeiras de se estabelecerem.

Em virtude dos cemitérios da cidade serem cristãos, foi preciso criar um cemitério israelita, onde tornasse viável cumprir o ritual fúnebre judaico como por exemplo, a lavagem e preparação do corpo, o velório, o cortejo até o túmulo, necessidade do túmulo ser perpétuo. Dessa forma o cemitério tornava também um lugar simbólico de memória.

A educação judaica em Belo Horizonte em 1961 ganha um lugar de importante expressão, a Escola *Theodor Herzl*, que serviu de importante instituto para a educação religiosa e escolar dos jovens judeus na cidade, que tinham maior acesso assim às tradições vindas de Israel.

A participação feminina na comunidade foi marcada pela presença de duas instituições internacionais que buscam prover a beneficência. A WIZO (*Women's International Zionist Organization*), e a *Na'amat* Pioneiras, ambas realizando diversos trabalhos voluntários e sociais.

Em 1984, nasce o Instituto Histórico Israelita Mineiro (IHIM), uma instituição laica, que contribui para a preservação da história e da memória judaica na cidade, atualmente é um dos principais lugares para se estudar a participação dos judeus na capital mineira, contando com um grande acervo sobre essa comunidade.

Junto com essa gradativa institucionalização, surge também de forma gradual os lugares de culto, iniciando com pequenas sinagogas, normalmente nas casas de judeus, ou em fundos de estabelecimentos comerciais. Hoje há duas relevantes sinagogas, uma que segue a linha ideológica Ortodoxa Hassídica e outra Progressista Moderna.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

A Sinagoga Tiferet Israel funciona juntamente com a Congregação Israelita Mineira (CIM), está localizada na sede da Associação Israelita Brasileira, Rua Rio Grande do Norte, 477, bairro Funcionários, Belo Horizonte, sendo ela a única sinagoga progressista de Minas Gerais integrante da União Mundial para o judaísmo progressista.

O judaísmo progressista é também conhecido por judaísmo liberal ou judaísmo reformista e tem entre suas intenções iniciais tentar adaptar as tradições judaicas a questões do mundo atual. Essa corrente ideológica se mostra mais tolerante e flexível e procura unir a tradição do judaísmo às necessidades da modernidade tendo em suas intenções a preocupação em aproximar o estudo da Torá e sua aplicação à vida prática de sua comunidade. Ela é liderada pelo Rabino Leonardo Alanati que começou a trabalhar nessa congregação em 1997.

A Sinagoga Beit Chabad é filiada ao Movimento Chabad-Lubavitch Mundial e está localizada na Rua Timbiras, 501, bairro Funcionários, Belo Horizonte. Trata-se de uma sinagoga que segue a corrente Ideológica Ortodoxa.

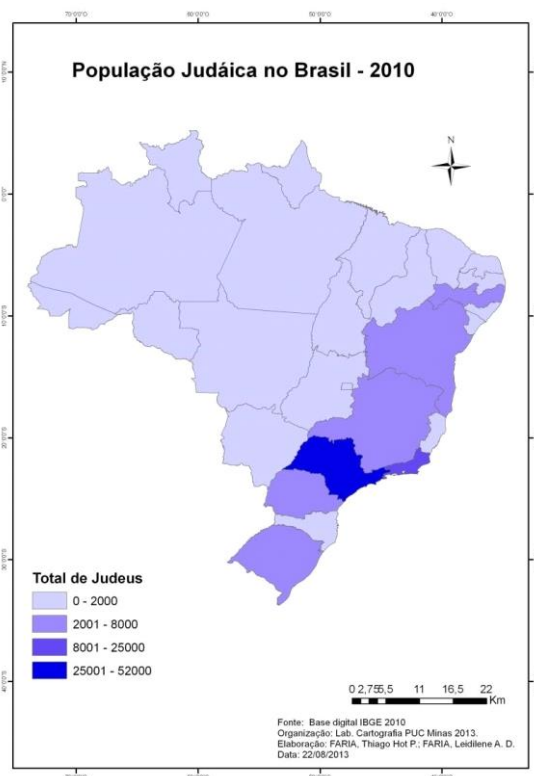
Por ser ortodoxa, o trabalho nessa sinagoga não se faz na tentativa de adequar as leis do judaísmo a realidade prática da sociedade, mas sim, busca mostrar que as respostas para as questões da vida de judeu já estão presentes nas próprias leis.

A sinagoga é liderada pelo rabino Nissim Katri que desde 1986 realiza trabalhos na cidade buscando resgatar as raízes da tradição judaica e constituir na cidade uma congregação tradicional.

Com o passar dos anos a comunidade foi-se integrando cada vez melhor com a comunidade não judaica da cidade, isso possibilitou uma melhor assimilação das culturas, além disto, contribuiu para a queda de certos preconceitos e afastamentos umas das outras. Belo Horizonte, cada vez mais se mostrava uma cidade aberta à interação com as novas culturas, e em todos os aspectos se apresentava atrativa para o povo judeu.

Segundo o último censo divulgado pelo IBGE (2010), evidenciado no mapa 1, Belo Horizonte possui 1.384 judeus, a cidade com maior número de judeus do estado, sendo Minas Gerais o quinto estado com maior número de judeus no Brasil, com seus 3.509 judeus o estado encontra-se atrás do estado do Paraná com 4.122 judeus, do Rio Grande do Sul, 7.805 judeus, Rio de Janeiro com 24.451 judeus, e do estado de São Paulo, maior comunidade judaica do Brasil composta por 51.050 judeus.

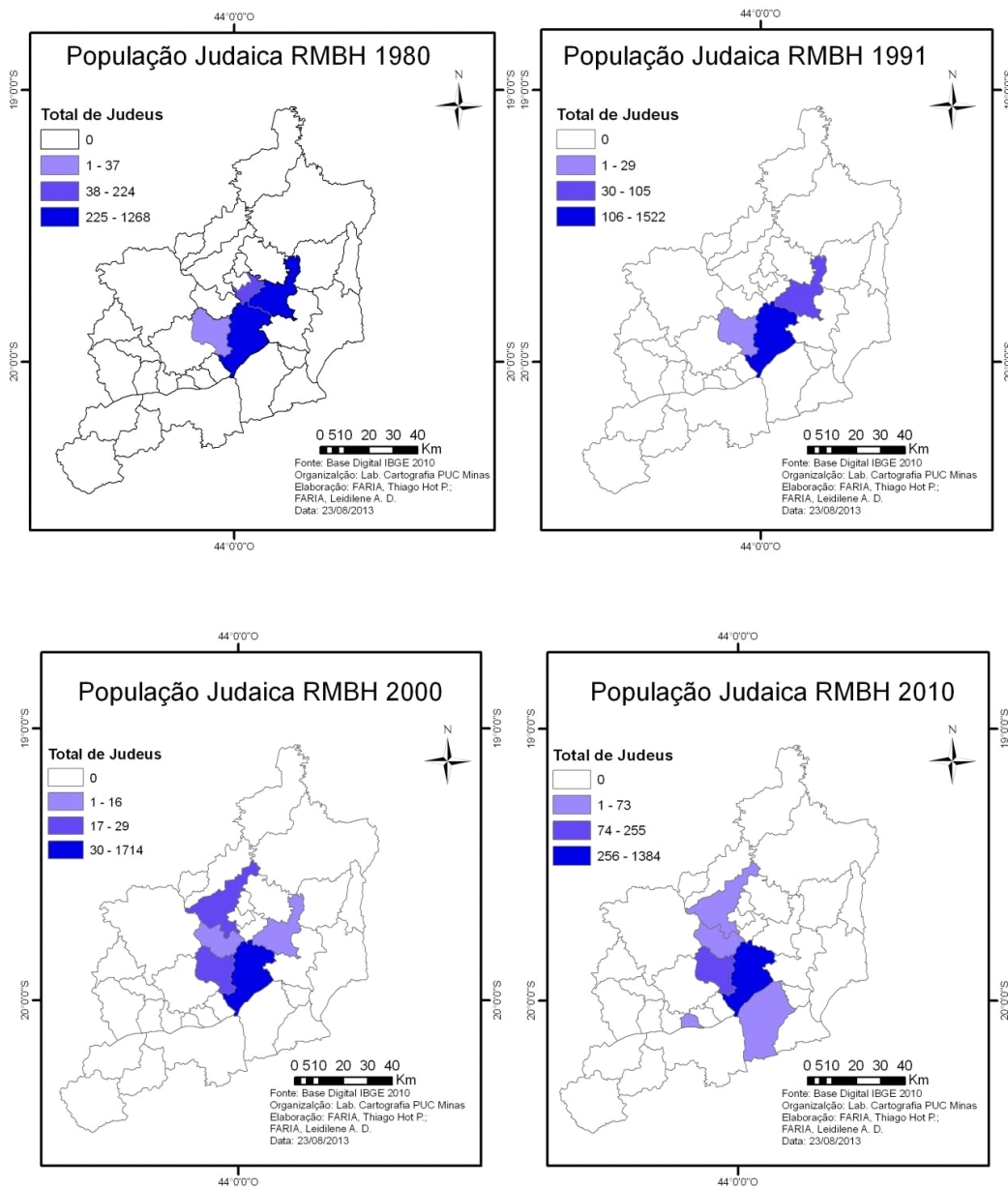
I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.



Mapa 1: População judaica no Brasil – 2010
Fonte: Base digital IBGE 2010, Censo demográfico 2010.

Esses números ajudam a compreender a que a comunidade judaica de Minas Gerais tem sua importância e representatividade, e ainda falando em números pode-se observar que a maior parte dos judeus do estado encontram-se concentrados na área da região metropolitana de Belo Horizonte, e que, apesar de existir um trânsito da comunidade, a capital continua sendo foco de acolhimento. Esta informação pode ser confirmada analisando os dados dos últimos quatro censos demográficos, demonstrados nos mapas abaixo:

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.



Mapas 2, 3, 4, 5: População judaica RMBH entre os anos de 1980 a 2010.

De acordo com os últimos censos observa-se que a região metropolitana de Belo Horizonte não sofreu grandes modificações, tendo inclusive pequena variação em números de judeus por cidade. Essa ocorrência dentre tantos motivos, pode ser considerada também em virtude, dos núcleos de reunião e organização da população judaica já se encontrarem instaurados, principalmente os da capital.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Atualmente muitos destes espaços de reconhecimentos judaicos que foram surgindo junto à história de Belo Horizonte ainda permanecem ativos, alguns com novas funções, outros com novas formas de utilização do espaço.

Além disso, se pensarmos em cartografar a religião judaica na capital mineira, observa-se que, escolas, sinagogas, institutos, uniões, cemitério, associações, e demais pontos de referência para o povo judeu, quando situados em um mapa, nos oferece a ideia de que o mesmo espaço é utilizado pelo povo muitas vezes de formas distintas, além de forte concentração na regional centro-sul.

Mishná

A palavra *Mishná* tem significado literal de “repetição”, trata-se do modelo de ensino exercido de maneira oral na busca pela verdade, numa interposição de paradigmas baseando-se na repetição dos ensinamentos. Dá-se esse nome a compilação da tradicional doutrina judaica pós-bíblica. A *Mishná* foi transcrita com o objetivo de impedir que detalhes da tradição judaica se perdessem devido à perseguição dos romanos ao povo judeu.

No judaísmo existe um vínculo inseparável entre sua cultura e a própria comunidade. O judeu faz parte da tradição e herança judaica, recebe esta tradição no seu dia a dia, nos seus hábitos, em sua rotina. Sendo assim, um judeu não é apenas parte da trama da tradição, mas é também responsável por transmiti-la, fazendo com que esta permaneça viva, sendo ele o elo que liga as gerações.

Judaísmo implica, portanto, uma dimensão religiosa e moral (com uma doutrina e ensinamento, com regras e costumes), mas também fronteiras culturais e limites sociais. Em resumo, designa a vida judaica no seu todo, enquanto diz respeito tanto aos indivíduos chamados “judeus” como ao grupo específico e determinado que os institui e define como tais. (PAUL, 1983, p. 91)

Dentre as leis que sempre estiveram de modo a ordenar a conduta de vida de uma comunidade judaica, é possível destacar uma que possui grande relevância em toda a construção social, política, econômica, psicológica e religiosa do judaísmo, a tradição ou lei oral obtida no conhecimento mishnáico.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Uma característica fundamental na *Mishná* é sua abertura a possibilidade de interpretações, interpretações estas que não questionam a imutabilidade da lei da Torá e a lei divina, mas que ajudam a analisar e a proceder de forma correta perante os preceitos judaicos em diversas situações, esclarecendo algumas partes que pudessem dar dúvidas nos estudiosos da Torá escrita.

A Torá Oral era para ser originalmente transmitida boca a boca. Foi passada de professor para aluno de tal maneira que se o estudante tivesse quaisquer dúvidas ele poderia perguntar e assim evitar ambiguidade. Um texto escrito, no entanto, não importa o quanto seja perfeito, está sempre sujeito à má interpretação. Além disso, a Torá Oral deveria cobrir a infinidade de casos em que poderiam surgir no decorrer do tempo. Ela poderia jamais ter sido escrita por inteiro. D'us, portanto, entregou a Moshê um conjunto de leis que a Torá poderia aplicar a todo caso possível. (STUDENT, 2013)

A *Mishná* é sistematicamente organizada, diferentemente da lei escrita. Na Torá, quando se tem a necessidade de pesquisar as leis sobre determinado assunto, é preciso encontra-las dispersas por toda a Torá, podendo ter referências em vários livros distintos. Na busca de facilitar o estudo das leis, na *Mishná* elas foram divididas em ordens, cada uma tratando de determinado tipo de lei.

A *Mishná* é composta por seis ordens (*sedarim*), cada uma destas contém de 7 a 12 tratados, sendo que no total são 63, existindo ainda uma subdivisão em capítulos parágrafos ou versos.

Zeraim “Sementes” é a primeira ordem da *Mishná*, composta por 11 tratados que se referem às leis pertinentes à agricultura. Porém existe um tratado desta ordem chamado *Berakhot* (“bênçãos”) e se refere às preces. Apresenta as leis e a jurisprudência referente à produção e ao uso dos alimentos. Para expressar ao Criador a gratidão pela dádiva das colheitas, o tratado *Berakhot* que inicia a ordem *Zera'ím* refere-se a bênçãos e orações, embora o texto deste não esteja relacionado diretamente com a agricultura, nesta seção é possível observar os vários aspectos relacionados ao modo como se devem ser realizadas as orações judaicas, principalmente aquelas referentes à alimentação.

A segunda ordem é denominada *Mo'ed* ou “festividades”, composta por 12 tratados, referem-se às leis sabáticas e as festas religiosas. Esta ordem está intimamente relacionada com a ideia do encontro. Encontro entre judeus para celebrar, lembrar, comemorar, festejar um

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

dado evento. “*Mo'ed* deriva da raiz hebraica *ya'ad*, relaciona-se com a ideia de determinar ou estabelecer uma época para um encontro” (MISHNÁ, 1973, p 56). O termo aparece também na Torá enquanto “época estabelecida” ou “ocasiões renovadas”. “A Torá determina seis Festividades como sagradas: O Sábado; as três festas da peregrinação – *Pessakh* (Páscoa), *Shavuout* (Pentecostes) e *Sukot* (Tabernáculos); bem como a “Época de soar o *Shofar*”, ou seja, *Rosh Hashaná* (Ano Novo) e o *Iom Kipur* (Dia do Perdão).” (MISHNÁ, 1973, p. 56).

Nashim, que significa “mulheres”, é a terceira ordem mishnáica, sendo composta por sete tratados que se referem às leis relativas ao casamento, divórcio, convivência familiar, direito matrimonial e matérias relacionadas às mulheres. Segundo a *Mishná*, as mulheres não eram consideradas com um ser inferior ao homem ou como um objeto para eles. Pode-se sim observar que na tradição do judaísmo o seu lugar não era predominante na comunidade, porém ela tinha muitas funções e responsabilidades definidas.

O lugar da mulher dentro do Judaísmo deve ser analisado à luz do contexto histórico em que se desenvolveu. Na época bíblica, as mulheres dos Patriarcas eram as Matriarcas, mulheres ouvidas, respeitadas e admiradas. Havia mulheres profetisas e juízas. As mulheres estavam presentes no Monte Sinai no momento em que Deus firmou o Seu Pacto com o povo de Israel. Participavam ativamente das celebrações religiosas e sociais, dos atos políticos. Atuavam no plano econômico. Tinham voz, tanto no campo privado como no público. (Kochmann. 2005. p. 35)

A quarta ordem é *Nezikin*, “Ordem das Salvações”, ou ainda “do Direito civil e penal”. É composta por 10 tratados que se referem à legislação civil e criminal, direito civil e penal. Uma peculiaridade desta ordem é o fato de que não existem muitas fontes da Torá para ela, os comentários se justificam devido a uma evolução nos processos jurídicos, da economia e da própria cultura do povo, que no tempo da escrita da Torá eram bem simples e não careciam de muitas explicações.

Em alguns tratados dessa ordem encontramos principalmente questões de teor comercial, tratando de negócios, mas sem diferenciar claramente entre os estatutos civis dos criminais, como ocorre nas leis atuais. Apresenta também leis referentes às fraudes, direito de aquisição, heranças e estatutos, direitos de propriedade, contratos de venda, títulos de venda, responsabilidades de vendedor, sucessões, etc.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

A quinta ordem é *Kodashim*, chamada de “Oferendas Sagradas” ou “Coisas Sagradas” é composta por 11 tratados que se referem às leis dos sacrifícios e do culto e também os sacrifícios e serviço do templo. Trata em grande parte, do serviço religioso no Templo de Jerusalém, o *korbanot* ("oferendas") e outros assuntos considerados ou relacionados a estas "Coisas Sagradas".

De forma geral, lida com o processo de ofertas de animais e aves; com as várias ofertas à base de grãos no Templo; com as leis de abate e consumo de carne (ou seja, animais utilizados para todos os dias ao invés de motivos sagrados); dispõe sobre a santificação e redenção do animal e primogênitos humanos; versa de como uma pessoa deve dedicar o seu valor para o Templo; descreve as leis do que acontece se um animal é substituído por outro dedicado para um sacrifício; lida com as leis de restituição para a apropriação indevida de propriedade do Templo.

Os judeus sempre deram uma grande ênfase ao estudo desta Ordem, e isto por dois motivos: primeiro, porque a continuação dos estudos dos sacrifícios e do culto Templo de Jerusalém, bem como dos detalhes da sua administração, demonstravam confiança na restauração do Templo; segundo, porque o estudo constituía uma substituição aos próprios sacrifícios. (MISHNÁ, 1973, p. 164)

A sexta e última Ordem da *Mishná* chama-se “*Tehorot*” ou “Purezas”, segue o tema da quinta ordem, estando *Tehorot* relacionado principalmente com assuntos que dizem respeito ao Templo de Jerusalém. Grande parte do conteúdo desta ordem se refere apenas a regulamentos aplicáveis na época em que o Templo existia.

Existem apenas duas exceções nesta ordem que fogem dos assuntos relacionados às práticas no Templo, sendo elas: as leis que preceituam o período menstrual da mulher e o ritual que cerca a purificação do sacerdote que teve contato com um morto, diante disso, os regulamentos desta ordem, com poucas exceções, perderam sua relevância após a destruição do Templo.

Porém, a parte que se refere ao sacerdote que teve contato com o morto, essa aborda em maior quantidade assuntos relacionados aos ritos mortuários e algumas questões sobre o luto judaico. De maneira ampla, essa ordem trata de tudo que é considerado puro ou impuro para os judeus, assim como as formas de impureza, de transmissão da impureza, os rituais de

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

purificação e todo material que com o tema se relaciona. Apesar de grande parte estar em desuso, essa é a mais longa de todas as seis ordens.

***Mishná* em Belo Horizonte: permanências e rupturas**

Para reconstruir o processo histórico da formação da comunidade judaica na cidade de Belo Horizonte foi necessário perceber como a própria cidade poderia influenciá-la. Percebeu-se que Belo Horizonte enquanto ideal de cidade moderna apresentava características muito propícias à constituição dessa comunidade. Foi possível notar que desde o período de planejamento da nova capital mineira havia na cidade presenças judaicas, o que contribuiu para estimular a vinda de novos imigrantes para ela, notando-se com o passar do tempo um gradativo crescimento dessa comunidade, que pode ser constatado, principalmente, com a construção de várias instituições judaicas.

A comunidade judaica belo-horizontina teve sua própria identidade moldada de alguma forma pelas características urbanas de Belo Horizonte. O estilo de vida urbanizado fez com que a comunidade aqui presente carregasse consigo marcas deste modo de vida, e isso refletiu também em alguns aspectos da *Mishná*.

A *Mishná* é fundamental para a construção da identidade judaica, tendo em vista que tais leis oferecem base para o comportamento da vida de um judeu em todos os âmbitos. A história da própria *Mishná* é complexa e por se tratar de um texto vindo de interpretações rabínicas é possível encontrar mais de uma versão para ela, o que dificulta sua compreensão.

Assim como a cidade de Belo Horizonte, a comunidade judaica belo-horizontina possui uma história ainda muito curta, o que dificulta concluir sobre a permanência de alguns aspectos da tradição.

Existem duas correntes ideológicas judaicas da cidade de Belo Horizonte, a ortodoxa e a progressista, a presença destas, viabiliza o caráter de oralidade da *Mishná*.

Apesar das leis orais hoje serem escritas, as discussões e flexibilização das leis devem permanecer, servindo para orientar os judeus quando há alguma dúvida do que é expresso na lei escrita.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Percebeu-se pelas entrevistas que o judaísmo progressista tenta trazer as questões da cidade para dentro de suas discussões religiosas, enquanto o judaísmo ortodoxo se apega a tradição enquanto tradição, não tentando adaptá-la aos problemas cotidianos.

Foi possível inferir através das entrevistas que os aspectos da *Mishná* que mais se destacam na cidade são aqueles relacionados às festividades e às regras do rito mortuário.

Quanto aos aspectos que tendem a romper com a tradição foi dado destaque aqueles que se referem às ordens e aos tratados que se limitam aos assuntos referentes ao Templo de Jerusalém. Desde a queda do Templo, essas leis, quando preservadas se dão no âmbito do estudo, não sendo possível sua realização.

Atualmente encontra-se na cidade a terceira geração de judeus desde a vinda dos imigrantes, esses vieram muitas vezes com maior apego as tradições e uma cultura judaica europeizada, sendo assim, para se realizar um diagnóstico quanto a sua preservação através das tradições seria preciso realizar um outro tipo de pesquisa mais detalhada e pontual.

Referências

ARRUDA, Rogério Pereira. **Cidades-capitais imaginadas pela Fotografia: La Plata (Argentina) e Belo Horizonte (Brasil), 1880-1897**. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Orientadora: Dra. Maria Eliza Linhares Borges, 2011. (não-publicada).

CALVO, Júlia. Belo Horizonte das primeiras décadas do século XX: entre a cidade da imaginação à cidade das múltiplas realidades (Belo Horizonte in the first decades of the twentieth century: from the city of imagination to the city of multiple realities). **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 14, n. 21, p. 71-93, out. 2013. ISSN 2237-8871. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/4152/5634>>. Acesso em: 15 Jan. 2014.

CALVO, Júlia; LEVY, Jacques Ernest; ZANDOMENICO, Renan Ribeiro. Descanso da alma judaica em Belo Horizonte: a construção do cemitério israelita. **Revista de Estudos Judaicos**, Belo Horizonte, n. 09, p. 09-21, 2012.

FABEL, N. **A Comunidade Judaica no Brasil**. São Paulo: Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, 1984.

FEDERAÇÃO ISRAELITA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.fisemg.com.br/?pg2=paginas&cat=4&id=14>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

FERREIRA, A. C. **O Imaginário Religioso e Modos de Vida Urbana: Experiências da juventude católica em Belo Horizonte – Minas Gerais, Anos 80.** 2002. 232 ff. Tese de Doutorado (Curso de Pós-graduação em Ciência da religião, para obtenção do grau do Doutor) – Universidade Metodista de São Paulo (Faculdade de Filosofia e Ciência da Religião). São Bernardo do Campo, 2002.

IBGE. **Censo Demográfico 1980 - Resultados do universo.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 ago. 2013.

IBGE. **Censo Demográfico 1991 - Resultados do universo.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 ago. 2013.

IBGE. **Censo Demográfico 2000 - Resultados do universo.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 ago. 2013.

IBGE. **Censo Demográfico 2010 - Resultados do universo.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 ago. 2013.

PFEFFER, Renato Somberg. **Vidas que sangram História: a comunidade judaica de Belo Horizonte.** Belo Horizonte: C/Arte FACE-FUMEC, 2003.

PÓVOA, C.. UMA ABORDAGEM DA AMBIVALÊNCIA CULTURAL DO JUDEU NO ESPAÇO DO NÃO JUDEU: a construção do lugar. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 19 – 32, jul/dez. 2008.

KOCHMANN, Sandra. O Lugar da Mulher no Judaísmo. **Revista de estudos da religião.** São Paulo, n. 2, p. 35-45, 2005.

NA'AMAT pioneiras do Brasil. **Quem somos.** Institucional. Disponível em: <<http://www.naamat.org.br/site/quem-somos/#institucional/>>. Acesso em 20 de dez. 2013.

MISHNÁ: essência do judaísmo talmúdico. Rio de Janeiro: Documentário, 1973.

PAUL, André. **O Judaísmo Tardio: Historia Política.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

STUDENT, Gil. **SER JUDEU. O que é o Talmude?.** 2013. Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/talmud/home.html>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

UNIÃO ISRAELITA DE BELO HORIZONTE. **A União Israelita de Belo Horizonte.** Disponível em: < <http://www.uibh.org.br/uibh>>. Acesso em 14 de set. 2013.